



## REVELAÇÃO POÉTICA E VIAGEM INTERIOR NA LÍRICA DE JOÃO MANUEL SIMÕES

COSTA, Sueli Aparecida da<sup>1</sup>  
CRUZ, Antonio Donizeti da<sup>2</sup>

*“Poesia é a transfiguração/ da realidade em beleza,/ pela magia das palavras.” (Helena Kolody).*

**RESUMO:** Este texto objetiva analisar como João Manuel Simões – poeta paranaense – trabalha a linguagem poética tendo em vista a revelação da condição original e a busca da essência humana. Para tanto, far-se-á uma reflexão sobre o papel da poesia como fonte de revelação do Ser a partir do processo de criação poética.

**PALAVRAS-CHAVE:** Revelação, Viagem, Poesia

**ABSTRACT:** This objective text to analyze as João Manuel Simões - “paranaense” poet - works the tense poetics language in sight the revelation of the original condition and the search of the essence human being. For in such a way, a reflection will become on the paper of the poetry as source of revelation of the Being from the process of poetics creation.

**KEY WORD:** Revelation, Trip, Poetry

No fenômeno da arte de fazer versos, o poeta reinventa a vida através do mundo da linguagem, construindo um jogo simbólico com as palavras, por meio das imagens e de sua criação poética. Neste processo de (re)criação, o poeta é o intermediário entre o Eu e o Outro. Ele “empresta” sua voz para falar na voz dos homens. O poder e a força da linguagem poética promovem uma viagem em versos e instaura uma pluralidade significativa frente os enigmas existenciais – o poeta faz da linguagem um espelho de dupla face: palavra e silêncio.

Tanto no silêncio quanto na palavra há uma gama de significado, pois o leitor absorve os sentidos, preenche as lacunas e interpreta cada imagem ou palavra de acordo

com sua própria experiência de vida. Assim, a linguagem poética é revelação da condição original porque oferece respostas às indagações ontológicas, conforme reformula e redefine temas comuns à problemática existencial que acompanha o homem, ao longo de sua história. O labor poético extrai de cada circunstância novas feições; poetiza o mundo pelo poder mágico da linguagem e pela alquimia do verbo.

Pode-se falar que a arte, entendida como uma das formas de conhecimento da vida, ou ainda, como uma das formas da luta da humanidade por uma verdade que lhe é necessária, permite uma compreensão profunda da aquisição da verdade e do próprio Ser – a arte é também a linguagem da vida (LOTMAN, 1978:31). Sem arte, sem poesia o mundo seria mudo, uma vez que a poesia é força capaz de transfigurar a realidade do homem, pois ela coloca o homem em contato com seu mistério, desperta emoções adormecidas e suscita novas sensações – eleva o pensamento e dá sentido à vida.

No dizer de Barbosa (1986), o poeta é o operador desses enigmas, mas ao mesmo tempo, firma com o leitor um jogo de parceria em busca de significados, pois a linguagem poética tem o poder de imortalizar o instante e registrar as mais tênues sensações. Por isso, mais do que manipulação das palavras, a arte de fazer versos caracteriza-se por uma alquimia do verbo, em que o poeta lança-se como “argonauta” do significado, estabelecendo uma viagem cujo término está no terreno sensível e indecifrável da imaginação de quem lê o poema.

De qualquer modo, a poesia consegue penetrar no enigma da consciência humana, proporcionando uma ligação entre criador e criatura, entre a arte e a vida e entre o poema e o leitor. Nos caminhos indefinidos da linguagem poética o que fica de concreto é o fato de que a poesia possui algo mágico, capaz de (re)estabelecer o indivíduo em sua condição original. Isso se deve, sobretudo, ao fato de que a poesia ao é explicitação de conceitos, mas sim revelação – um instante de sublime intimidade do Eu com a memória e a imaginação.

Neste sentido, pelo dueto poesia e imaginação o ser humano consegue dar forma às coisas mais sensíveis e inexplicáveis, pois a poesia é transcendência e vetor de operacionalização da imaginação – força dinâmica. Segundo Octavio Paz, na imaginação poética o “homem se imagina e, ao se imaginar, revela-se” (1982:165). O poeta revela o homem ou a possibilidade de poder ser, a partir do momento que abre as fontes do Ser. A poesia leva o homem a experimentar sua “outridade” constitutiva. A palavra poética é imagem.

A poesia é revelação de nossa condição e, por isso mesmo, criação do homem pela imagem. A revelação é criação. A linguagem poética revela a condição paradoxal do homem, sua “outridade”, e assim o leva a realizar aquilo que ele é. [...] O ato poético pelo qual o homem se funda e se revela a si mesmo é a poesia. (PAZ, 1982:189)

A poesia é revelação porque abre a possibilidade de todo Ser assumir sua verdadeira condição – a de ser aquilo que é. Para Octavio Paz, a poesia é a forma natural de convivência entre os homens. Ela possibilita a busca da identidade da natureza humana na multiplicidade significativa da palavra poética – a “linguagem é poesia em estado natural. Cada palavra ou grupo de palavras é uma metáfora [...] um instrumento mágico, isto é, algo suscetível de transformar em outra coisa e de transmutar aquilo em que toca” (PAZ, 1982:41).

Na verdade, a palavra é “símbolo que emite símbolos”. É uma ponte que liga o homem à sua realidade, ou seja, une o interior e exterior na corrente existencial. A força criadora da palavra reside no homem que a pronuncia – o poeta. Este, por sua vez, não possui uma relação apenas de “senhor” da linguagem, mas ele é também seu servo e serve-a, devolvendo à palavra sua natureza original: pluralidade de sentidos, possibilidade de significar duas ou mais coisas ao mesmo tempo.

No reino encantado da palavra, o poeta cria o poema. O leitor, ao recitá-lo, recria-o. Isso porque entre a linguagem da poesia e o leitor, o poeta se instaura como “operador de enigmas”, uma vez que enquanto “encantamento, o poema é pensado e realizado para o leitor, enquanto enigma, todavia, e é o caso do poema moderno, entre leitor e poeta estabelece-se a parceria difícil de que joga o mesmo jogo” (BARBOSA, 1986:22).

O poeta, através da palavra, cria uma espécie de imortalidade da linguagem, ele projeta um plano poético capaz de nomear o mundo. Os poetas são dotados de um conhecimento que os capacita para receber e transmitir as coisas dando expressão às mesmas e revelando seu encantamento e sua beleza – transforma o velho e usado revestindo-os de uma beleza superior e sublime pela força do ritmo e das imagens. Segundo Ralph Emerson, o poeta enquanto “homem que cria o Belo” é “Nomeador ou Criador da linguagem dando nome às coisas [...] e dando a cada uma seu próprio nome e não outro” (ERMERSON *apud* CHIAMPI, 1991:77). No entanto, o poeta só consegue “nomear” e criar o Belo na medida que se entrega à “divina aura”, falando apaixonadamente com a expressão da alma e da imaginação, não somente com o intelecto. Só assim o poeta atinge a plenitude da poesia pela universalidade da linguagem simbólica, alcançando a função de “deuses libertadores” (CHIAMPI, 1991:80).

Nota-se, contudo, que a revelação do poema é ação da linguagem e instante de ordenação e unificação com o mundo. O que o poema canta é fruto de um momento mágico de criação, de elaboração da linguagem. Ao mesmo tempo em que a revelação poética devolve à linguagem sua natureza plurissignificativa, prespõe também uma busca interior que provoca o surgimento de imagens.

A capacidade imaginante do ser humano transforma a poesia em floresta de símbolos, em um campo sensível para a revelação da condição original, uma vez

que a “experiência poética não é outra coisa que a revelação da condição humana, isto é, desse transcender-se sem cessar no qual reside precisamente sua liberdade essencial” (PAZ, 1982: 232). A escritura poética, segundo Paz, é a revelação de si que o homem faz a si e, neste sentido, a poesia é sempre presença e também descoberta do Eu, do Outro e do Mundo.

A poesia de João Manuel Simões, de um modo geral, destaca-se pela pluralidade através da qual transcorre várias formas de expressar sua “revelação poética” e criatividade artística. De modo, particular, há de se considerar sua tentativa de unificar a arte e a vida, tendo como suporte a reflexão filosófica e a pureza literária.

Além de apresentar uma linguagem elaborada e contemplativa, há em Simões uma forte busca de decifração da essência humana e do próprio Ser. Esta recorrência aos temas transcendentais da existência humana revela um fazer poético comprometido e marcado pelo olhar atento às questões do tempo e da memória e suas manifestações vitais. A tentativa de decifração da essência humana apenas confirma a magia da vida e a contribuição da poesia no resgate dessas questões fundamentais do ser humano e da realidade que o circunda.

O poema-título do livro *Canto em Mi(m) ou A secreta Viagem*, apresenta-se como uma síntese poética da condição do poeta, que, a partir do poema, faz-se sujeito e objeto do universo, deixando-se conduzir pela natureza que o circunda. Há uma espécie de transformação da natureza em algo transcendental, há o envolvimento de uma aura mágica que possibilita a fusão do poeta com a linguagem e a natureza, permitindo, conseqüentemente, revelar o canto que há em seu próprio ser.

Canto obsessivo,  
fluvial,  
das pedras com limo  
contra  
a textura das águas.  
Margens,  
erodidas margens.  
Peixes submersos,  
fábulas picisformes  
entre  
a prata liquefeita,  
sob

os dedos melancólicos  
dos juncos  
que entretecem  
a geografia  
equânime  
do crepúsculo.  
Canto: dizendo tudo,  
tudo,  
à sombra de coral  
dos pássaros  
exatos,  
veementes,  
a florir sobre os ramos  
dos salgueiros.  
Canto, apenas canto,  
vôo  
da música da alma,  
translúcido pardal pousado em mim,  
incógnito.  
(SIMÕES, 1982a:18-19)

O poema funciona como mediador entre o eu e o mundo. O poeta-criador é também reflexo desta natureza sussurrante que lhe inspira um canto ou que canta nele próprio. É um canto que possibilita ouvir o canto em “mi(m)” da alma. Neste canto o eu-lírico percebe o infinito que há em seu próprio ser, pois as notas sibilantes que ecoam correspondem à mesma sinfonia de toca em sua alma. Há, portanto, um discreto inflamar-se do mundo no sujeito, como afirma Emil Staiger; há uma “disposição anímica”, na qual o poeta, o poema e a linguagem estão imbricados em favor da construção poética.

Neste poema encontra-se um dos compromissos da lírica de Simões – a tentativa de decifrar este infinito canto que há na existência humana. Para tanto, resgata suas reminiscências, numa viagem ao tempo passado, extraíndo suas origens para entender sua própria história e a da humanidade. Em uma espécie de “Auto-Análise”, Simões define que “De tudo/ falo./ (só o que sei)./ Porém, de mim/ o que direi?/ Não digo:/ calo./ O meu silêncio há de falar/ no fim.” (1982:15). Em qualquer situação, na fala ou no silêncio, a comunicação ainda é a grande força reveladora.

A volta ao passado sugere uma volta à própria origem, uma volta à infância. Segundo Bachelard, há uma comunicação entre a nossa solidão de sonhador e a solidão da infância, ou seja, na alma humana há uma permanência de uma infância sempre viva, uma infância imóvel que está fora da história contada e lembrada, mas que se revela a nós apenas nos instantes de devaneio e iluminação – “quando, na solidão, sonhando mais longamente, vamos para longe do presente reviver os tempos da primeira vida, vários rostos de criança vêm ao nosso encontro” (BACHELARD, 2001:93).

O poema “Evocação da Infância” sugere, no próprio título, esta volta à infância, no sentido de buscar explicações para transformar a existência e o viver:

No fim do mar,  
muito longe, ficaram,  
no espaço azul secreto  
da distância,  
doces ilhas  
pretéritas:  
a casa, a igreja, a escola,  
a infância.  
Vejo-as com olhos de alma,  
indistintas,  
desta maturidade  
que é meu porto.  
Mas quem será que as vê,  
de fato?  
O adulto  
ou o menino morto?  
(SIMÕES, 1982a:28)

Verifica-se neste poema a (re)aparição da infância, como se o eu-lírico, ao recordá-la, sentisse saudade de um tempo que já passou, mas que deixou marcas indeléveis na alma. Mais que isso, o eu-lírico recorda com os olhos da maturidade, de uma maturidade que é seu porto, e que permite resgatar a memória tão viva, tão presente, de tal modo que este mesmo sujeito lírico já não distingue quem realmente vê: se o menino ou o adulto.

De algum modo, a infância direciona a vivência adulta, seja através da memória ou lembrança, seja através dos ensinamentos e da magia que envolve a

infância. A beleza pura e simples do olhar da criança, que vê em tudo o lado mágico, belo e feliz, ou, no dizer de Simões, esta infância que ficou “No fim do mar”, faz com que este eu-lírico veja o mundo com o mesmo encanto e abstraia deste encantamento os ensinamentos necessários à vida, para fazer de sua maturidade um porto.

As reminiscências, além de ajudar “a viver melhor” a maturidade, também auxiliam a entender o próprio ser, a encontrar a emoção primitiva, a origem do infinito mistério da existência, como pode ser observado no poema “Foto 3x4 Antiga”:

O seu olhar tão puro!  
E fita-se, passado  
presente no futuro...  
(SIMÕES, 1982b:53)

A temática do tempo e da memória, na lírica João Manuel Simões, revela-se canais que ajudam a entender o fenômeno que ocorre na consciência humana. É possível rever o mundo com as cores da primeira vez, com as lembranças indeléveis da infância, atravessar as idades sem envelhecer. A infância está na origem dos maiores devaneios, das maiores imagens, uma vez que a beleza das imagens está no fundo de cada memória. Como um retrato antigo sempre novo, a memória vai construindo no presente a história do futuro.

Neste sentido, “a poesia é uma força de síntese para a existência humana” (BACHELARD, 2001:119), pois se analisa melhor uma infância através de poemas do que mesmo pelas lembranças. Os poetas conseguem trazer para o espaço do poema o mesmo “maravilhamento” da infância, ou seja, eles despertam a cosmicidade da infância, unindo imaginação, memória e poesia.

A título de exemplo, veja como no poema “Silenciosamente” Simões, na condição de poeta operante de enigmas propõe uma questão contemplativa da existência, tocando na alma de cada ser-leitor a contemplação de sua própria existência:

Nas muralhas do tempo,  
alastra-se em silêncio  
a hera das horas.  
(SIMÕES, 1982b:62)

Realiza-se, portanto, uma poesia da vida, uma poesia capaz de despertar no leitor a capacidade de reviver ou relembrar algum sentimento adormecido, uma emoção, um enigma do ser. O poeta apenas registra estes sentimentos no poema,

alcançando a dimensão universal através de um trabalho elaborado e criativo com a linguagem. A função do poeta é sonhar, sonhar para oferecer aos leitores os mundos que nascem de uma imagem cósmica. A imaginação criante do poeta alimenta as imagens, dando a estas, uma alma, um mundo e fazendo com que cada leitor habite mundos imaginários totalmente novos ou renovados.

Simões, através de uma riqueza de imagens, consegue a precisão vocabular, a concentração verbal, a síntese poética para expressar o quanto o tempo passa “silenciosamente” aos olhos. Tão imperceptível quanto às horas do dia, quanto às heras ornando os muros. Sabe-se que as horas passam, que as heras crescem e que o tempo é implacável, sabe-se também que a sensibilidade humana não acompanha ou não aceita esse movimento, mas o tempo das horas passa para todos. Segundo Bachelard, compete ao poeta “o dever de ensinar-nos a incorporar as impressões de leveza em nossa vida, a dar corpo a impressões quase sempre desprezadas” (2001:199).

Percebe-se, todavia, que Simões extrai o conteúdo de sua poesia de temas cotidianos, mas na medida que (re)elabora-os, estes se revestem da essência poética. Já dizia Aristóteles que o conteúdo é retirado da própria vida, no entanto, a maneira como Simões incorpora o imaginário, a memória e a vida real mostra o quanto seu fazer poético é comprometido com a estética moderna e com a decifração da essência humana, estabelecendo uma relação harmônica entre a realidade e a imaginação, o poeta e a linguagem e da poesia e a vida.

A poesia de Simões apresenta ainda uma recorrência acerca da sua condição de poeta, assim como de sua produção, além de refletir sobre a metalinguagem e o fazer poético. Estas características, segundo João Alexandre Barbosa, definem a poesia moderna enquanto aquela que torna inseparável a problematização do relacionamento entre poeta e linguagem. Em outras palavras, a poesia moderna torna a metalinguagem inseparável do fazer poético, o que, por sua vez, aponta para a consciência e o compromisso do poeta em torno de seu trabalho criativo com a linguagem, fazendo da experiência poética um ato de revelação que conduz o homem a uma viagem ao próprio ser.

No dizer de Barbosa, o poeta moderno é “aquele que faz da linguagem do poema a linguagem da poesia. A metalinguagem no poema moderno deve, por isso, ser entendida como o modo pelo qual, através do consumo da linguagem da poesia, o poeta continua a repensar, no poema, as dimensões da realidade” (1986:98). Há, portanto, uma fusão entre o poeta, a linguagem, a realidade, a história, o tempo e a poesia na elaboração poética.

Este sincretismo é percebido pelo poeta, que terá por missão converter tudo em poesia, num árduo trabalho de inspiração e criação. No poema “Metamor-



fose”, João Manuel Simões mostra quão delicada e sensível é a percepção do poeta ao converter a linguagem da poesia em poesia da linguagem.

Sobre o deserto branco  
desta página elevam-se  
as palavras (oásis).  
(SIMÕES, 1982b:58)

Neste haicai, Simões evidencia que o poeta é executor de uma inspiração, ele terá apenas que registrar no papel o que a emoção e o sentimento já está falando, ou seja, o sujeito lírico que escreve o poema entrega-se à inspiração. Na acepção de Staiger (1997), o poeta lírico deixa-se conduzir pelo fluxo arrebatador da “disposição anímica” e, neste caso, o poeta é desprovido de qualquer intencionalidade; deve estar, portanto, “atenado” para não perder o momento exato da inspiração. O poeta expõe sua concepção de poesia enquanto produtora de emoções e imaginação, como se a poesia fosse uma miragem que aparecesse aos olhos sedentos de quem a deseja ver/ler.

Para Staiger, no estilo lírico “não se dá a ‘re’-produção lingüística de um fato” (1997:21), é o próprio fato dissolvido na língua e a língua no fato que cria a “pureza” lírica. Esta ligação de “um-no-outro” (poeta/linguagem/objeto) é o que torna a poesia sensível na captação das emoções, e, sobretudo, numa linguagem que fala a cada leitor de acordo com a sensibilidade e a sua própria “disposição anímica”. Neste sentido, o fazer poético para Simões é trabalho e inspiração, exige uma força criativa capaz de transfigurar o branco e o silêncio do papel em sentido e voz que toca na alma e no coração.

Tendo em vista a recorrência de temas voltados à decifração da existência humana e à descoberta do Ser, além de uma poética ligada às manifestações vitais e da aproximação com os estados de alma, desejos, anseios e sonhos humanos, a lírica de Simões apresenta aspectos transcendentais que conduzem a uma viagem interior.

A leveza de sua linguagem, a magia interna dos versos e o traço contemplativo de seus poemas apenas confirmam o quanto a poesia é revelação da nossa condição original e elaboração da linguagem. Simões, no poema “andante” mostra qual deve ser a tarefa do poeta frente o ato de criação poética.

Que bússula guia  
O curso da pena?  
Inspiração fria  
Ou raiva serena?

Que tumulto cresce  
Na cabeça calma?  
Que sonho amanece  
Dentro da minh'alma?

Que busco no verso  
Que em mim não possua?  
Sou no mundo imerso.  
Meu corpo flutua.

Todo o riso esconde  
Num sigilo puro.  
Sou ancora: sondo  
O mar do futuro.  
(SIMÕES, 1968:33)

Numa singeleza de imagens, Simões extrai a essência do fazer poético, da mesma forma que apresenta uma síntese poética de qual deve ser o posicionamento do poeta no ato criativo. Assim, o poeta precisa dar liberdade de expressão aos sentimentos e emoções que estão retidos no infinito de seu ser, no íntimo de sua alma. Encontrar a bússula que guia sua pena, é mais do que uma simples metáfora, representa a própria liberdade de expressão que dever ter o poeta. Desprender-se das tradições que aprisionam a poesia em formas pré-moldadas e estabelecidas, que apenas geram "inspirações frias".

Simões lança o desafio ao poeta moderno de romper com a tradição, com os laços que o prende às formas dadas, aos temas prontos. Buscar no mundo e na vida a emoção, a matéria da poesia, seguindo viagem ao desconhecido e ao novo, renovando seu fazer poético rumo ao "mar do futuro".

A capacidade de concisão de Simões, por meio do emprego de imagens simples e significativas que dispensam qualquer espécie de prolixidade, resulta numa lírica de alto poder enunciativo e de grande preciosidade alegórica. Por tudo, Simões pode ser inserido no rol dos grandes poetas da modernidade, tanto por seu fazer poético voltado às questões metafísicas quanto pela busca do tempo original e das questões da existência humana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BARBOSA, João Alexandre. *As ilusões da modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- CHIAMPÍ, Irlemar. *Fundadores da Modernidade*. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- LOTMAN, Iuri. *A Estrutura do Texto Artístico*. Lisboa: Ed. Estampa, 1978.
- PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. (Trad. Olga Savary). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- SIMÕES, João Manuel. *Os Labirintos do Verbo*. Curitiba: Edição Escala, 1968.
- SIMÕES, João Manuel. *Canto em Mi(M) ou A Secreta Viagem*. Coleção Academia Paranaense de Letras: Curitiba, 1982 a.
- SIMÕES, João Manuel. *Inscrições para os muros de Babilônia & Vôo com pássaros dentro*. Curitiba: Lítero-Técnica, 1982 b.
- STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Aluna do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras – Área de Concentração em Linguagem e Sociedade, Campus de Cascavel.
- <sup>2</sup> Professor Orientador do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras, Campus de Cascavel e Professor do Curso de Letras, Campus de Marechal Cândido Rondon.